

AS LUZES

O cão ladrrou, alarmado, atrás da porta. O engenheiro Anániev, o estudante Stenberg, seu ajudante, e eu saímos da barraca para ver a quem ladrava. Eu estava de visita à barraca e não tinha obrigação de sair, mas, confesso, até tinha vertigens por causa do vinho bebido e apetecia-me ar puro.

— Não há ninguém... — disse Anániev quando saímos. — Porque estás a mentir, *Azorka*? Parvo!

Não havia viva alma. O parvinho do *Azorka*, um rafeiro preto, desejando pelos vistos pedir-nos desculpa pelos seus latidos despropositados, acercou-se timidamente de nós e abanou o rabo. O engenheiro inclinou-se e tocou-lhe na cabeça, entre as orelhas.

— Porque é que ladras por nada, sua bestinha? — disse naquele tom das pessoas bondosas quando falam com crianças e cães. — Tiveste um pesadelo, ou quê? Olhe, doutor, recomendo-lhe este sujeito incrivelmente nervoso! — disse, dirigindo-se a mim. — Imagine: não suporta a solidão, tem sempre sonhos maus e sofre de pesadelos, e se lhe gritarmos tem ataques de histeria, ou coisa assim.

— Sim, é um cão delicado... — confirmou o estudante.

O *Azorka* percebeu, pelos vistos, que se tratava dele; levantou o focinho e ganiu lamentosamente, como se quisesse dizer: «Sim, por vezes sofro insuportavelmente, mas desculpem-me, por favor!»

A noite era agosteira, estelar, mas escura. Nunca antes me acontecera ficar em circunstâncias excepcionais como esta (o que sucedeu por acaso), por isso a noite estrelada parecia-me deserta, inóspita e mais escura do que era na realidade. Encontrava-me na linha do caminho-de-ferro ainda em construção. Um aterro alto, erguido até ao meio, montões de areia, barro e brita, barracas, buracos, carrinhos de mão espalhados aqui e acolá, elevações planas em cima dos abrigos térreos onde os operários viviam — toda essa confusão tingida da mesma cor pela escuridão, dando à terra uma fisionomia estranha, selvagem, lembrando os tempos do caos. Havia tão pouca ordem em tudo o que me estava à frente dos olhos que se tornava estranho ver, no meio da terra monstruosamente revolvida, silhuetas humanas e postes telegráficos esbeltos — formas que estragavam o conjunto do quadro e pareciam do outro mundo. Reinava o silêncio e ouvia-se apenas, muito alto por cima das nossas cabeças, o telégrafo a entoar a sua enfadonha canção.

Subimos ao aterro e olhámos de cima para a terra. A cerca de cinquenta braças de nós, onde os sulcos, os buracos e os montículos se fundiam com a bruma nocturna, uma luzinha baça cintilava. Atrás dela, uma outra, a seguir uma terceira, depois, à distância de alguns cinquenta passos, dois olhos vermelhos luziam lado a lado — provavelmente, janelas de alguma barraca —, e uma longa fila dessas luzes, cada vez mais densa e opaca, estendia-se ao longo da linha até ao horizonte, depois virava em semicírculo à esquerda e desaparecia na bruma longínqua. As luzes estavam imóveis. Nelas, no silêncio nocturno e na tristonha cantiga do telégrafo sentia-se qualquer coisa comum. Parecia que um importante segredo era enterrado debaixo do aterro, e só as luzes, a noite e os fios telegráficos estavam a par dele...

— Que paraíso, meu Deus! — suspirou Anániev. — Tanto espaço e tanta beleza! E que aterro! Isto não é um aterro, meu amigo, é um verdadeiro Monte Branco! Vale milhões...

Admirando as luzes e o aterro que valia milhões, o engenheiro, embriagado e numa disposição de ânimo sentimental, deu palma-

dinhas no ombro do estudante Stenberg e continuou em tom de brincadeira:

— Porque é que está pensativo, Mikhailo Mikháílitch? Não é agradável olhar para a obra das suas mãos? No ano passado, neste mesmo sítio havia apenas uma estepe deserta, não cheirava a seres humanos, mas agora olhe: vida, civilização! E que bom é tudo isto, francamente! Estamos a construir um caminho-de-ferro, e depois de nós, passados cem ou, digamos, duzentos anos, a boa gente vai construir aqui fábricas, escolas, hospitais e... a máquina andará a todo o vapor! Não é verdade?

O estudante não se mexia, meteu as mãos nos bolsos e não desviava os olhos das luzes. Não ouvia o engenheiro, pensava e, pelos vistos, vagava naquele estado de espírito em que não nos apetece falar nem ouvir. Depois de um longo silêncio, virou-se para mim e disse baixinho:

— Sabe com que se parecem estas luzes infinitas? Para mim, evocam uma imagem de qualquer coisa há muito tempo morta, que viveu milhares de anos atrás, qualquer coisa do género de um acampamento de amalecitas ou filisteus. Como se algum povo do Velho Testamento assentasse arraiais e estivesse à espera do amanhecer para entrar em combate com Saul ou David. Para a plenitude da ilusão só faltam sons de trombetas e gritos de sentinelas numa língua etíope qualquer.

— Talvez tenha razão... — concordou com ele o engenheiro.

E, nem de propósito, o vento soprou ao longo da linha e trouxe um som parecido com o tinir das armas. Caiu o silêncio. Não sei o que o engenheiro e o estudante pensavam agora, mas já me parecia ver, à minha frente, qualquer coisa há muito tempo morta e até ouvir as sentinelas a falar numa língua incompreensível. A minha imaginação apressou-se a desenhar tendas, homens estranhos, as roupas, as armaduras...

— Pois é — murmurou pensativamente o estudante. — Em tempos, os filisteus e os amalecitas viviam neste mundo, faziam guerras, desempenhavam o seu papel, mas desapareceram sem deixar vestígios. A nós vai acontecer-nos a mesma coisa. Constru-

ímos agora um caminho-de-ferro, estamos aqui a filosofar, mas dentro de dois mil anos nem pó vai restar deste aterro e de toda esta gente que dorme neste momento depois do trabalho duro. No fundo, é terrível!

— É melhor que afaste essas ideias... — disse o engenheiro séria e sentenciosamente.

— Porquê?

— Porque é melhor... Ideias dessas servem para terminar a vida, e não para começar. É demasiado jovem para elas.

— Mas porquê?

— Todas essas ideias sobre a vaidade das vaidades e a insignificância humana, sobre a inutilidade da vida, a morte inevitável, as trevas de além-túmulo e assim por diante, todas essas cogitações elevadas, alminha, são boas e naturais na velhice, quando são fruto de um longo trabalho interior, formadas em resultado de duras provações e constituem, realmente, uma riqueza intelectual; no entanto, para um cérebro jovem que mal começou a vida independente, são uma mera desgraça. Desgraça! — repetiu Anániev e abanou a mão. — A meu ver, na sua idade, é melhor não ter cabeça do que ter reflexões nesse sentido. Falo a sério, caro barão. Há muito que queria falar consigo sobre isso porque desde o primeiro dia do nosso conhecimento reparei na sua propensão para essas ideias malditas!

— Meu Deus, mas porque serão malditas? — perguntou o estudante, sorrindo, e notava-se pela sua voz e cara que respondeu simplesmente por delicadeza e que a discussão encetada pelo engenheiro não lhe interessava minimamente.

Os meus olhos colavam-se. Sonhava que, logo depois do passeio, desejássemos boa noite uns aos outros e fôssemos dormir, mas o meu desejo não se cumpriu tão rapidamente como isso. Quando voltámos à barraca, o engenheiro arrumou as garrafas vazias debaixo da cama, tirou de uma grande caixa de vime duas garrafas cheias e, depois de as desenvolver, sentou-se à sua mesa de trabalho com a evidente intenção de continuar a beber, a falar e a trabalhar. Bebericando o vinho do copo, fazia a lápis notas nos

desenhos e continuava a provar ao estudante que o seu raciocínio era errado. O estudante, sentado à beira dele, verificava umas contas quaisquer e calava-se. A ele, tal como a mim, não apetecia falar nem ouvir. Para não incomodar as pessoas que trabalhavam e esperando que, a qualquer momento, me sugerissem que me fosse deitar, fiquei sentado, a bocejar de tédio, na cambada cama de campanha do engenheiro. Passava da meia-noite.

Por não ter nada que fazer, observava os meus novos conhecidos. Nunca vira antes Anániev nem o estudante, conhecera-os só na altura aqui descrita. Já a noite ia muito adiantada e eu voltava da feira, indo para casa de um proprietário rural, onde estava de visita. No escuro cerrado, meti pelo caminho errado e perdi-me. Às voltas e voltas perto da linha férrea e vendo que a escuridão da noite se adensava, lembrei-me dos «pés-descalços do caminho-de-ferro» que assaltavam os cavaleiros e os peões, acobardei-me e bati à porta da primeira barraca que me calhou. Anániev e o estudante receberam-me com cordialidade. Como acontece às vezes às pessoas alheias, que se encontram por acaso, travámos rapidamente conhecimento e amizade e, primeiro tomando chá, depois bebendo vinho, começámos a sentir-nos amigos de longa data. Passada uma hora já sabia quem eles eram e de que maneira o destino os lançara da capital para a longínqua estepe, e eles sabiam quem eu era, o que fazia e que modo de pensar tinha.

O engenheiro Nikolai Anastássievitch Anániev era um homem encorpado, espadaúdo e, a julgar pelo seu aspecto físico, já começava, como Otelo, a «descer ao vale dos anos avançados» e a engordar demais. Estava naquela idade que as casamenteiras denominam de «homem na plenitude das forças», ou seja, não era jovem nem velho, gostava de comer e de beber bem, de louvar o passado, tinha uma ligeira dispneia ao andar, ressonava alto no sono e já manifestava, no trato com as pessoas, aquela benevolência serena e impassível que os homens decentes adquirem quando chegam às patentes acima de capitão e começam a engordar. Ainda faltava muito para que o cabelo e a barba lhe encanecessem, mas ele, involuntariamente, sem dar por isso, já dizia aos jovens «ouve,